



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **CORPO EM NARRATIVA: O ENVELHECER FEMININO NA CONTEMPORANEIDADE**

**Nathalia Sobral de Souza**

**Mestrado em Sociologia – Universidade Federal do Ceará**

A pesquisa se insere num campo de estudos interdisciplinar, no qual se articulam os interesses pelas questões de **gênero** e **geração**, assim como pelas relações entre **representações literárias** e **representações sociais**. Propondo uma investigação sobre como as figurações literárias sobre mulheres velhas podem ser analisadas pelo cientista social como fonte de dados das representações a cerca da experiência do envelhecimento feminino em nossa sociedade. Tentando não reduzir o processo de envelhecer as segregações biológica e etária, tomo a idéia de “envelhescência” (Berlinck) como eixo de articulação entre as categorias de *gênero e geração*, que envolve processos de subjetivação dessas mulheres envelhescentes, pondo em funcionamento emoções (afetos e sofrimento sociais), memória (individual e coletiva), experiência social (repertórios biográficos e dis-posições) e desejo (atemporalidade do inconsciente *versus* a finitude do corpo).

Tomando como referência um conto de Clarice Lispector para pensar as imagens criadas sobre a velhice a partir da corporeidade enquanto estrutura simbólica, investigo as atuais práticas de dominação da velhice, indicando a ambivalência nos discursos sobre envelhecimento, que impõem severos parâmetros de “qualidade de vida” e “bem-estar” ao sujeito velho, ao mesmo tempo em que rejeitam o processo de envelhecer.

*A procura de uma dignidade*, o conto estudado, nos apresenta uma personagem de 70 anos, Sra. Jorge B. Xavier, que vive as aflições de existir em um corpo velho. A senhora trava seguidas batalhas com seu corpo. Primeiro para que este não a mate socialmente, segundo contra a imagem “seca” de seu corpo envelhecido que não permite que sinta seus desejos sem se sentir culpada. A literatura, aqui, nos serve como importante fonte de dados sobre como os indivíduos e sociedades se autorepresentam, se reconfiguram e se inventam. Assim, a partir dessa narrativa, podemos nos questionar sobre as diversas tentativas de policiamento do envelhecer feminino, reinserindo na experiência do envelhecer as dimensões do erótico, da corporeidade e dos laços intergeracionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre velhice e a condição psicossocial dos velhos no Brasil, realizadas após a década de 1970, trazem importantes transformações na forma de compreender a velhice. O estudo de velhos passou a ser um tema privilegiado, fazendo parte de debates sobre os novos desafios que a sociedade contemporânea enfrentará, como políticas públicas, novos mercados de consumo e formas de lazer, etc., fazendo desse “novo idoso” um ator presente na sociedade (DEBERT, 2004, BARROS, 2006, 1999; SIMÕES, 2006; BRITTO DA MOTTA, 2004; PEIXOTO, 2004, 1997, dentre outros). O que esses estudos propõem é um novo olhar para essas mudanças culturais, que fazem repensar as formas de perceber e agir nas experiências cotidianas dos idosos, deslocando esse debate da compreensão da velhice como “morte social”, em que o indivíduo velho é apresentado como um “peso morto” ou, como aponta Bourdieu, um “homem sem futuro”.

Pensando o processo civilizador estudado por Elias, podemos acompanhar a forma como a finitude da vida é tratada pelas sociedades modernas. Temos uma tendência de afastar (reprimir) tudo que nos lembre que nossos entes queridos e nós mesmos um dia não existiremos mais, e, desse modo, afastar a idéia indesejada do fim, conservando uma falsa “crença inabalável da imortalidade”, faz parte dos esforços da sociedade contemporânea. Essa associação da velhice com o fim da vida faz com que os mais jovens queiram manter afastados de si os moribundos e os velhos. Elias (2001) também identifica nessas sociedades industrializadas “o orgulho que tem as pessoas altamente individualizadas de sua independência, sua liberdade e sua capacidade de agir por responsabilidade própria e decidir por si”. Essa situação é bem demarcada a partir da segunda metade do século XIX, onde a velhice é tratada como o momento da vida caracterizada pela decadência física e não possibilidade de realizar papéis sociais, transformando o idoso em uma figura dependente e incapaz. Essa “morte social” do velho é responsável pela popularização das imagens negativas associadas à velhice.

Nesse contexto, percebemos que as atuais práticas de dominação do envelhecimento, sob o controle do discurso politicamente correto, impõem severas restrições de como se deve tratar e falar da velhice. As técnicas de controle comportamental dos velhos, que negam as antigas imagens associadas à velhice, fazem dessa “boa velhice” uma responsabilidade e forma de opção de vida de cada sujeito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Essas novas cenas não oferecem instrumentos para enfrentar a decadência das habilidades cognitivas e controle físico e emocional necessários para o reconhecimento do indivíduo que envelhece como um ser capaz de exercer seus direitos como cidadão.

Ao tomar consciência que o corpo se deteriora com o passar do tempo; que isso é, na verdade, o sinal cabal de que somos mortais e que o fim sempre está mais próximo do que imaginamos, impulsionou as primeiras pesquisas sobre como proceder para corrigir a “máquina corpo”. As imagens negativas da velhice estão diretamente ligadas a esse processo; ao corpo que se desgastou, impossibilitando a realização das tarefas com o desempenho da juventude.

Contra essa imagem estigmatizada elaborou-se a ideia de “terceira idade” ou como diz Guita Debert (2004), *reinventou-se a velhice*.

A autora (In: BARROS, 2000) aprofunda esta discussão ao anunciar os tipos de dificuldades existentes nesses tipos de estudos:

categorias culturalmente produzidas, que têm como referência processos biológicos universais; questões que nas sociedades ocidentais contemporâneas passaram a ser problemas sociais; e temas em torno dos quais se institucionaliza um discurso científico especializado (BARROS, 2000. p. 49).

A velhice, enquanto categoria analítica, está atravessada por esses aspectos. O que primeiro caracteriza esta fase da vida é o processo de envelhecimento corporal. É no corpo que a velhice se manifesta e é a partir dele que as apropriações sociais se iniciam. Ser velho passa a ser problema para a sociedade brasileira no início dos anos 60, quando a expectativa de vida aumentou e o número de aposentados cresceu de forma significativa e os problemas de saúde relacionados a idades avançadas passaram a ser problema de saúde pública; com isso vimos o surgimento de especialidades médicas-científicas, tais como a geriatria e a gerontologia, que se encarregaram de produzir e cultivar um discurso legítimo para dar conta dessa “nova” realidade.

No entanto, vários equívocos passam a povoar a produção sobre o assunto na medida em que categorias produzidas socialmente são encaradas como naturais e universais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A perspectiva sociológica no campo do estudo do envelhecer tem como aspecto primordial o entendimento de que a velhice não é uma categoria natural. É necessário iniciarmos os estudos problematizando o que é esse fato universal e natural que é a realidade biológica corporal (programado para nascer, crescer e morrer).

Apesar desse processo, indiscutivelmente biológico, a categoria velho só faz sentido a partir das representações que se criam desse fenômeno. Como explica a psicanalista Sueli dos Santos (2003), os organismos também se condicionam a essas representações o que acarreta, diferente de outras espécies, velhices diferenciadas, pois trazem consigo aspectos psicológicos formados de suas vivências.

A trajetória de vida do ser humano é um somatório das experiências vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais que cada um tem do mundo em que vive. Estamos em nossa existência humana, condicionados às determinações da hereditariedade, do social e do cultural, como geradores de nossas escolhas e filosofia de vida (SANTOS, 2003, p. 13).

Ao estudar o envelhecer em nosso atual contexto social, alguns aspectos nos tomam a atenção de imediato. Ao fazermos uma busca sobre o tema velhice nos meios de comunicação (jornais, revistas, periódicos científicos, programas de televisão) a maior parte do que se tem produzido é relacionada à busca de “melhoramento” da máquina humana (corpo) e seu cérebro (há ainda os que se preocupam com a alma da “máquina”) para que assim possamos adiar, da “melhor forma possível”, o desgaste desse e assim adiar o seu fatídico fim.

### **Corpo como Estrutura Simbólica.**

*“Subtraído do homem que encarna à maneira de um objeto, esvaziado de seu caráter simbólico, o corpo também é esvaziado de qualquer valor.”*

(Le Breton, 1990).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

As sociedades contemporâneas tendem a um organicismo, um reducionismo biologizante da esfera corporal. Como se corpo e indivíduo fossem duas coisas opostas, um da ordem do natural e o outro do cultural. Porém, um segmento da sociologia e antropologia, a sócio-antropologia do corpo, se dedica à compreensão do corpo como fenômeno social, motivo simbólico, objeto de representações sociais.

É na corporeidade que o homem se relaciona com o mundo. É na dimensão corporal que o existir para o outro ganha significado, sendo o corpo o seu lugar de “estar no mundo”, o seu limite da expressão da individualidade, o “ponto de convergência”, o “lugar” da relação entre “natureza orgânica e natureza social”, entre “cultura e natureza”, entre “grupo e indivíduo”, mas essa “existência física” só pode ser entendida dentro do conjunto de sistemas simbólicos da comunidade na qual esse corpo existe.

Segundo David Le Breton (2007), é investido ao sujeito, desde seus primeiros anos, “um processo de socialização da experiência corporal” para que aquele possa realmente se inserir num determinado espaço social e cultural. A expressão do corpo é sócio-culturalmente construída e modificada, mesmo que cada indivíduo sinta e use essa expressão de forma particular.

Marcel Mauss (2003), em *As técnicas do corpo* de 1934, entendendo essa expressão como as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, servem-se de seus corpos, entende os comportamentos corporais como uma *hexis* aprendida socialmente, que vai muito além de apenas hábito adquirido por imitação. Para ele, as atitudes corporais nos são ensinadas. Nossas atitudes nos são permitidas ou não. A transmissão dessa técnica corporal só é possível por ser tradicional e eficaz, sendo essa transmissão impossível sem a tradição, já que é exatamente essa característica humana que nos diferencia dos animais, a saber, a transmissão de técnicas, principalmente pela via oral (MAUSS, 2003).

Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver as técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê a alma e suas faculdades de repetição (MAUSS, 2003, pág. 404).

Seguindo a afirmação de Durkheim segundo o qual o corpo é um fator de “individualização”, Le Breton define o corpo como fronteira, como limite entre o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

indivíduo e os outros, mas também faz denúncia à noção dualista de senso comum que distingue o corpo do indivíduo, como se esse corpo pudesse ser analisado isoladamente, sem a presença do sujeito e da cultura em que ele está inserido, que também tem referência em Durkheim quando afirmou que a corporeidade é da ordem do orgânico e por isso não pode ser de interesse das ciências sociais.

O corpo como elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista, nas quais os atores estão separados dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa (LE BRETON, 2007, pág.30).

É no início do século XX, com Freud e o desenvolvimento da psicanálise, que o processo de ruptura com o positivismo do século XIX dá à corporeidade sua libertação. Freud ao introduzir o relacional ao corpo, como expressão dos desejos individuais e das relações sociais, torna o corpo uma estrutura simbólica.

O problema das primeiras teorias sociológicas sobre o corpo são as ambigüidades que elas carregam. As pesquisas privilegiavam as ações do corpo e não o referente “corpo”. Então estava na hora de questionar se o próprio corpo não estaria envolvido nas teias das relações sociais. O corpo não é uma natureza inquestionável, não se vê corpos andando por aí. Na verdade são homens e mulheres que exibem corpos operados diariamente para fazerem parte de uma cultura.

As representações sobre o corpo são mutáveis de uma sociedade para outra. As imagens que o representam, os ritos e os símbolos que o fazem aceito são infinitamente variáveis e contraditórias, até o conhecimento biomédico ocidental que tenta possuir uma verdade sobre o corpo é uma dessas construções sociais. Diante desse quadro extremamente heterogêneo, Le Breton propõe como tarefa para a sociologia e a antropologia a compreensão da corporeidade enquanto estrutura simbólica, e assim, destacar as representações, os imaginários, os desempenhos e os limites que aparecem infinitamente diferentes conforme as sociedades e as épocas.

Portanto, entender a apropriação social da corporeidade é o caminho para “o desvendar” desse “tabu do corpo” (RODRIGUES, 2006). Corpo que durante muito tempo foi mantido intocado e inquestionável pela crença em uma natureza corporal que transcendia a vida social e que mascarava a “pressão” que a sociedade faz aos seus



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

indivíduos para determinarem os usos de seus corpos. Assim, não podemos cair na ingenuidade de que um dia se vivenciou um corpo totalmente da ordem do natural. Por essa razão Foucault (1996) afirma que “*em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações*” (FOUCAULT, Pág. 127, 1996).

### **O uso da literatura como objeto de pesquisa sociológica**

O primeiro questionamento quando se estuda literatura na sociologia é como fazer da criação literária objeto de estudo para pensar as representações sociais, sendo o grande desafio para o cientista social não cair em meros “reducionismos do sociológico”, como ilustração de argumentos já reconhecidos, mas sim captar a potência/força da obra literária, diferenciando-a de um simples reflexo do social.

Assim, é necessário não ver a obra literária apenas como espelho do social, cuidando, por outro lado, de não considerá-la totalmente independente dele. No argumento de Cândido (2008), essas duas vertentes “se combinam como movimentos necessários do processo interpretativo”. Não devemos esquecer, também, a relação arbitrária e deformante com a realidade que o artista pode desenvolver em seu trabalho. Isto constitui sua liberdade e genialidade. Não devemos questionar a veracidade ou não da narrativa, mas sim o que ela nos representa como figuração do social. Que tipos de imagens os personagens e seus conflitos põem em funcionamento sobre determinado tema, pois esse mesmo artista não é fruto do acaso, e sim produto e produtor de interação social. Por isso, sua criação não pode ser considerada alheia à vida social.

Mais especificamente, neste estudo interessa o conceito de *campo literário*, que pode ser definido como espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, que mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder.

Desmistificando também a genialidade do autor, Bourdieu negou a existência de um talento inato do artista, o que podia ser observado, na verdade, era o funcionamento de um *habitus* que mediava as condições objetivas de funcionamento de uma sociedade e as aptidões subjetivas dos membros dessa. Essa forma de análise empregada por Bourdieu é salutar para romper com a mística em torno da obra literária, que impossibilitava tratá-la sociologicamente. Porém, é necessário que não nos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

deixemos cair numa outra ingenuidade: a de que a obra é pura e simplesmente fruto do seu tempo, não tendo nenhuma característica atemporal ou transcendente. É preciso que o analista social perceba a potência significativa da estética para não reduzi-la apenas como espelho do social.

Essa forma de análise empregada por Bourdieu é salutar para romper com a mística em torno da obra literária, que impossibilitava tratá-la sociologicamente. Porém, é necessário que não nos deixemos cair numa outra ingenuidade: a de que a obra é pura e simplesmente fruto do seu tempo, não tendo nenhuma característica atemporal ou transcendente. É preciso que o analista social perceba a potência significativa da estética para não reduzi-la apenas como espelho do social.

A literatura tem nos mostrado várias formas possíveis de interpretar as representações acerca da questão de gênero e geração. Numa tentativa de quebrar os estereótipos, as personagens velhas que eu já tive contato são, muitas vezes, figurações dessas contradições na construção do imaginário social sobre o feminino e a velhice. Autoras que fogem da escrita politicamente correta, usando palavras consideradas malditas para representarem o envelhecimento, com mulheres que “escancaram” as angústias cotidianas diante das demandas de “bom comportamento”. Outro aspecto que é pertinente nas narrativas de Clarice Lispector são as outras escolhas possíveis de viver a velhice apresentadas pelas personagens. Escolhas essas sempre carregadas de culpas, pois estarem, muitas vezes, desobedecendo as “regras do jogo de envelhecer”, mas que denunciam as muitas arbitrariedades dos discursos homogeneizadores da velhice.

Não se trata de romantizar a velhice, ou negar discursos, mas sim de perceber e tentar compreender outras maneiras de pensar e viver a velhice com todas as negociações necessárias e realizadas por essas “mulheres fictícias” para darem dignidade a essa etapa da vida. Portanto, fazer sociologia do texto literário, como nos esclarece Leão (2009), “*é, antes de tudo, a compreensão de seu funcionamento social, dos valores e das representações que mobiliza nos atores sociais envolvidos com o trabalho de criação*”.

### ***A Procura de uma Dignidade***



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Sra. Jorge B. Xavier, uma senhora de sessenta anos, teve um de seus dias de maiores encontro e desencontro, principalmente consigo, narrado por Clarice Lispector. Sra. Xavier estava perdida dentro do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Ela não sabia dizer como entrara, mas estava totalmente sem rumo em meio a tantos corredores que pareciam sem saída. A senhora buscava uma sala onde encontraria uma aula inaugural, onde encontraria as pessoas com quem marcara o encontro. O problema é que a aula já deveria ter começado. Ela sempre se esforçava para não perder nada que fosse *cultural*, pois assim se manteria sempre jovem por dentro, já que não se reconhecia no seu corpo de setenta anos.

Ao lembrar-se que o encontro não era no Maracanã, mas sim perto dele e já no auge do seu cansaço, pega um táxi e vai para o endereço certo. Durante o tempo que a personagem passa perdida ela percebe o quanto seu corpo não suportava mais tanto esforço. Sentiu o peso da *velha cruz*. Nessa altura pouco lhe importava o encontro, na verdade nunca se importara, só queria continuar sendo vista como se assim pudesse continuar viva socialmente.

Finalmente ao encontrar o local certo não permaneceu nele por muito tempo, pois seu corpo não tolerava mais tanta exaustão. Sra. Xavier foi para casa onde tomou uma pílula e deitou-se nua para descansar. Acabou adormecendo.

Foi quando despertou, devido ao frio que passava por seu corpo como uma lâmina fina, que a senhora se deparou com o seu corpo no espelho. Achou muito curioso uma velha nua. Mas não se prendeu à imagem por muito tempo e saiu de casa novamente, pois lembrara que havia planejado comprar uma nova écharpe de lã, mas volta logo para casa.

Por estar em casa sozinha, já que o Sr. Jorge B. Xavier estava viajando, foi procurar, embaixo da cama, uma letra de câmbio há muito perdida. Foi quando se percebeu de quatro. Uma posição de cadela, sem nenhuma nobreza. *Perdida a altivez última*. Mas a letra não estava lá. Quando deu a tarefa por encerrada, pois era impossível encontrar a letra de câmbio, a senhora Xavier a encontrou “sem querer” dentro da gaveta de lençóis. E nesse momento chorou baixinho, quase como um lenga-lenga árabe. *Há 30 anos não chorava, mas agora estava tão cansada*.

Nesse momento pensou em forçar o “destino”, em criar um destino maior para si, pois mesmo sem acreditar pensou que com força de vontade tudo se consegue. Esses



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pensamentos vieram porque ela já começara, sem querer, a pensar em “aquilo”. Mas o pensamento seguinte foi de que já seria tarde demais para ter um destino, afinal de contas já eram setenta anos e nessa altura não é mais possível ser outra pessoa. Ela era ela e pronto. Era assim que acreditava como certo.

A senhora B. Xavier não suportava sentir “aquilo”. Era como seus longos corredores sem saída, que consumiam suas entranhas sem nenhum pudor. Era uma fome que lhe causava uma dor enorme. A fome de ser possuída pelo inalcançável ídolo da televisão. Não conseguia mais parar de pensar no rosto de menina-moça de Roberto Carlos, o seu amor.

A mulher foi tomada por um sentimento que julgou juvenil, e por isso foi olhar-se no espelho para ver se tinha uma expressão bestial, mas o que encontrou foi um rosto parado que há muito não representava o que sentia. Tornara-se apenas uma máscara de mulher velha. Continuou olhando-se no espelho e teve a sensação de ser, por fora, alguma coisa seca, como um figo seco. Não se sentia esturricada por dentro como era seu corpo por fora<sup>1</sup>.

Por causa desse desejo por Roberto Carlos, a senhora se deparou com o segredo mortal das velhas. Porque as outras não lhe contaram que “aquilo” não tem fim? Estava presa às trevas da matéria. Era como uma fruta fora da estação. Seu desejo estava fora da estação. Sua idade estava agora maculada. Como pode uma velha querer essas coisas?... Ao assumir o desejo por seu Robertinho Carlinhos, cito o texto, *a velha senhora dobrou-se bruscamente sobre a pia do banheiro como se fosse vomitar as vísceras e interrompeu sua vida com uma nudez estraçalhante: tem! que! haver! uma! porta! de saiiiiiída!*

### **Apontamentos para reflexão**

Uma questão fundamental à construção subjetiva da identidade sexual da mulher velha é a relação com o corpo. Os atuais discursos, vinculados à mídia e reforçados pelos saberes que se intitulam legítimos para indicarem receitas de um corpo saudável e aceitável, fazem do corpo um objeto de culto. A imagem idealizada é sempre a do corpo jovem, esculpido e livre de doenças. O corpo velho, historicamente, foi

---

<sup>1</sup> Há um belo conto de Virginia Woolf que narra essa relação problemática entre o espelho e a mulher idosa: “A dama no espelho: reflexo e reflexão”. In: WOOLF, Virginia. **Contos completos**. São Paulo: Cosac Naif, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

caracterizado exatamente como contrário desse ideal, sendo âmbito da deteriorização, da inutilidade, da perda das capacidades e sede de doenças, ou seja, um corpo impossível de produzir prazer e valorização social. Os indivíduos são, atualmente, monitorados para que mantenham vigilância constante de seus corpos. O bem-estar necessário para se ter uma boa velhice, ou até mesmo se manter longe dela, pode (e deve) ser alcançado na medida em que eles se responsabilizem por sua aparência, dado que a decadência passa a ser considerada como fruto de negligência pessoal.

Foucault (1987) já nos ensinava a pensar esse corpo como “objeto e alvo de poder”. A disciplina, diferente da escravidão, da domesticidade, do ascetismo e da vassalagem, produz corpos adestrados, docilizados (que une ao corpo analisável o corpo manipulável), corpos submissos e exercitados, corpos dóceis.

O momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humanos, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil, e inversamente (FOUCAULT, 1987, pág. 127).

Aqui, podemos pensar essa disciplina, no caso feminino, nas sociedades contemporâneas, não para conquistar um “corpo forte”, como explicou Foucault, mas para a busca pela beleza.

A luta contra o corpo (LE BRETON, 2003) está ligada à mais segura verdade corporal: a morte. A imagem do corpo velho traz imediatamente a idéia de fim da vida. Modificar esse corpo, torná-lo “máquina”, “imaterial”, é a ilusão de burlar esse fim. Assim, a juventude, diz Debert (2004), “*perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em um valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas*” (DEBERT. Pág. 21, 2004).

A imagem idealizada para o feminino é sempre ligada ao delicado, ao sensível, ao que soa doce, em oposição ao masculino, caracterizado pela força e pela racionalidade. Ser mulher é como ser uma rosa. Além do mais, a construção moderna do feminino e da feminilidade está intrinsecamente articulada ao imperativo da beleza, tal como destacado por Lipovetsky (2000), sendo esse imperativo uma das fontes



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

privilegiadas da identidade feminina. Porém, o corpo velho não permite que essa imagem e esse imperativo se realizem. As rugas e as marcas do tempo no rosto mostram que esse ideal é passageiro e que não adianta seguir receitas mágicas, pois a degeneração do corpo é inevitável, e que é pior, a morte também. O corpo representa o sujeito para os outros. É ele que o liga ao mercado social simbólico e é o responsável, muitas vezes, pela aceitação e/ou não-aceitação dos sujeitos nos “palcos” sociais.

O dilema vivido pela Sra. Xavier está imerso no discurso que separa o corpo do sujeito. O corpo envelhecido é o fruto seco (o figo) incapaz de produzir admiração e prazer, mas que tem como “recheio” uma pessoa que continua desejando prazer e que não se sente seca e esturricada como a imagem do seu corpo. Quando a personagem se encontrou com o espelho e se viu como um figo seco, não se reconhecendo, nos faz pensar na imagem de uma rosa. A delicadeza e frescor das flores são sempre muito associados à feminilidade. Muitas vezes é na velhice que as pessoas percebem/relatam o indesejado, porém inevitável, encontro do inconsciente atemporal com o corpo, âmbito da temporalidade. Não foi diferente com a Sra. Xavier. Ao se olhar no espelho se sentiu úmida por dentro, mas esturricada por fora. Sentiu que seu rosto tinha se transformado numa máscara sem expressão alguma.

Essa imagem corporal vai está sempre a mercê do “espelho do social”, o motivo pelo qual a senhora do conto não deixa de ir aos encontros culturais. Para ela permanecer sendo vista mostra que não perdeu sua capacidade de viver socialmente ativa, que ainda é uma mulher de capacidades e não uma pobre senhora que não pode sair de casa porque seu corpo está chegando ao fim.

Tira-se dos velhos o direito de sonhar sobre si, sobre o que sequer para si. É quase como um pecado. Só os jovens têm o direito de projetarem imagens positivas para si, os mais velhos podem, no máximo, sonhar com o que já aconteceu. Para eles só a nostalgia, nada de projetos, nada de devaneios. Afinal de contas, vão morrer mesmo. É como se a velhice tirasse a capacidade de projeção de imagens das pessoas, tornando-as presas ao real, ao concreto.

Dentro de toda essa idealização do corpo jovem, como único capaz de produzir bem-estar, prazer, aceitação e gozo verdadeiros, como pensar uma velha sexuada? Seria um absurdo. Assim a Sra. Xavier põe em xeque a imagem naturalizada da mulher velha como não mais capacitada para sentir desejo e prazer. Daí a mácula que a senhora



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

carregaria depois de admitir um desejo impróprio para sua idade. Poder sentir essa “coisa” era uma manifestação de estar viva, mas isso deveria ficar só para si, já que não era de bom gosto para uma distinta senhora como ela ficar sentindo essas “coisas”. Deve ficar no seu interior, porque o exterior já não é mais capaz de produzir prazer para ninguém, nem para ela mesma. E como é esse o discurso estabelecido, só cabe a Senhora sofrer com essa luta do seu interior que pulsa, gritando por vida, contra seu corpo (o exterior) que fica cada vez mais feio e fraco, anunciando o fim próximo, a morte.

O corpo feminino sempre foi, e ainda é, educado para ser belo. A mulher deve fazer-se feminina, bonita, delicada, sedutora, ou seja, ser o “belo sexo” (LYPOVETSKY, 2000). Também faz parte da “construção de si”, do sujeito moderno, ter responsabilidade sobre a beleza do seu corpo. Há, e nos tempos atuais de uma forma mais *espetacularizada*, uma supervalorização da beleza do corpo da mulher. O *embelezamento* a qualquer custo, tão veiculado na mídia e reforçado pelos mercados dos cosméticos, dos produtos farmacêuticos (que auxiliam no emagrecimento), do *fitness*, das cirurgias plásticas, e tantas outras intervenções, depois de passar por um processo de democratização, passou a fazer parte do mundo feminino, agora, sem culpas. Se uma pessoa não nasce tão bonita quanto o “recomendado”, é de “obrigação” dela encontrar meios para modificar sua aparência, pois, hoje, há uma culpabilização do sujeito, e não mais da “natureza”, pela aparência “feia”.

Todas essas intervenções e materiais para o processo de embelezamento funcionam quase como um ritual para afastar de si a imagem indesejada que aparece no espelho. Como pensar a experiência da mulher que envelhece dentro desse contexto? Como lidar com a difícil tarefa de ficar velha numa cultura narcisista e visualmente orientada? (SARDENBERG, 2002). Esta é uma das preocupações mais recorrentes em falas de mulheres que envelhecem. O ideal cultural da “eterna juventude” “exige” dessas mulheres que modifiquem seus corpos para que não agridam o mundo com seus corpos enrugados. Mas se quando chega à hora que não adianta mais tanto investimento para disfarçar esse corpo, o que resta a essas mulheres é se resignarem em suas condições e agirem como uma boa velha senhora: usar roupas e maquiagens próprias para senhoras distintas; praticar exercícios moderados, só para ajudar a saúde – nada de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

modificar o corpo. Assistimos, assim, uma luta entre o corpo desejável e o corpo que envelhece.

Uma saída para esse embate, muito pregado na nossa sociedade contemporânea, é uma negação desse corpo velho, o nosso “exterior”, mas não supervalorizando o “interior” em detrimento à representação daquele, mas sim tentando adaptá-lo à eterna juventude do desejo, modificando o corpo até onde for necessário para chegar ao objetivo.

Um dos aspectos determinantes para tanta preocupação com o *embelezamento* do corpo é a produção de prazer, e a sexualidade está, aqui, intimamente ligada a esse prazer. Como sexualidade feminina por muito tempo ficou reduzida à procriação, a produção e satisfação do desejo, não faziam parte de sua realidade. Imagine, então, a situação da mulher velha. Sem a capacidade reprodutora nem se falava em sexualidade, daí o imaginário da velhinha assexuada.

Mas a experiência sexual toma outros significados com a modernidade. Bozon (2004) quando escreve sobre sociologia da sexualidade, nos mostra a importância que a sexualidade assumiu nas últimas décadas para a construção das relações sociais e para a construção de si. “A sexualidade durante muito tempo esteve ligada à reprodução, considerada como natural e óbvia, e inscrita na organização e na representação androcêntrica do mundo e das coisas” (BOZON, 2004). O papel feminino sempre esteve subordinado ao masculino, que tinha seu papel sexual social relegado à reprodução. Essa característica óbvia do papel da mulher na vida social só pode ser modificada com as inúmeras transformações sociais, políticas e intelectuais, que puseram em questionamento os conteúdos tradicionais de gênero e sexualidade (BOZON, 2004).

A experiência do prolongamento da vida sexual até idades mais avançadas é possível devida à propagação da idéia de uma velhice ativa e ligada ao ideal de juventude, desde que as pessoas cuidem de suas saúdes, mantenham atividades de lazer e trabalho autônomos e não limitem suas vidas à esfera doméstica. Porém, esse prolongamento da vida sexual nas mulheres de mais de sessenta anos, atestada por Bozon, é tratado, até hoje, com resistência, e ainda desperta muita curiosidade (leiga e perita): afinal, essas mulheres fazem sexo? namoram? (ALVES, 2004).

A construção da sexualidade feminina sempre esteve submetida aos valores morais da sociedade; por esta razão, pensar uma sexualidade para a mulher idosa, que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sempre esteve ligada à perda da capacidade de reprodução, que numa visão normatizadora via o sexo no casamento ligado à reprodução, e à menopausa (construção social e psicológica elaborada a partir de uma realidade biológica – Bozon, 2004), é infinitamente mais problemática do que quando se pensa a sexualidade no envelhecimento masculino.

Podemos supor que os conflitos vividos por mulheres na velhice, em relação a emoções e sentimentos, principalmente quando se referem à experiência corporal e sexual, e a sentença que dão aos comportamentos como sendo inadequados, venham do desconhecimento da própria sexualidade e dos preconceitos e tabus construídos e difundidos pela cultura, pela religião, pela ordem médica, pela norma familiar, etc, que impedem vias de subjetivação menos conflituosas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória de estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52, p.109-132, 2006.
- \_\_\_\_\_. A cidade dos velhos, in: VELHO, Gilberto. (Org.) *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade memória e política*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance*. São Paulo: EDUNESP/HUCITEC, 1993.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BERLINCK, Manoel Tosta. A envelhescência. In: PERES, Urânia; COELHO, Maria Thereza (Orgs.). *Amor e morte*. I Congresso Internacional de Psicanálise da Bahia (Anais). Salvador: EGBA, 1998. Ed. 34, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas-SP: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Trajetórias sociais de gênero e representações sobre a velhice no Brasil. In: *Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996.



- \_\_\_\_\_. Palavras e convivências – Idosos, hoje. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.129-139, 1997.
- \_\_\_\_\_. De gerações, afetos e papéis na família. In: *VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – REDEFEM*. Belo Horizonte, 2008.
- \_\_\_\_\_. Viúvas: o mistério da ausência. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, 2005.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. (org.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento e Curso da Vida. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.120-128, 1997.
- \_\_\_\_\_. O discurso gerontológico e as novas imagens do envelhecimento. *São Paulo em Perspectiva*, v. 7, n. 4, p. 121-8, out./dez. 1993.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento e Curso da Vida. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.120-128, 1997.
- \_\_\_\_\_.; SIMÕES, Júlio Assis. Envelhecimento e velhice na família contemporânea. In: FREITAS, E V...[et al], *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Koogan, 2006.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*, seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Figuração”. *Escritos e ensaios, 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. (Coleção Ciências Sociais Passo-a-Passo). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FERNANDES, Cleudemar Alves; GAMA-KHALIL, Marisa Martins; ALVES FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Orgs.) *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. Os corpos dóceis. In: *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. Literatura e linguagem. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.
- \_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- HEILBORN, Maria. Luiza. (org.). *Família e sexualidade*, Rio de Janeiro : FGV, 2004.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira 17/18 – Clarice Lispector*. São Paulo: IMS, 2004.
- KEHL, Maria Rita. “Minha vida daria um romance”. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. A constituição literária do sujeito moderno. São Paulo, 2000.

[http://www.etatsgeneraus-psychanalyse.net/archives/texte\\_113.html](http://www.etatsgeneraus-psychanalyse.net/archives/texte_113.html), acesso em 27/02/2008.

LEÃO, Andréa Borges. Como fazer uma sociologia da singularidade? Autoria e campo literário. *Estudos Sociológicos*, Araraquara, v.14, n.27 p. 301-316, 2009.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. 7.ed., rev. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. (Coleção Antropologia e Saúde).

PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Histórias de mais de 60 anos. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.148-158, 1997.

SOUZA DOS SANTOS, Sueli. *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.